

Ciência e Tecnologia

Hoje às 18h13 - Atualizada hoje às 18h18

Academia Nacional de Medicina debate Esporotricose zoonótica e o gato como transmissor da doença

Jornal do Brasil

Com palestra intitulada “Esporotricose e Agente Causador”, o Dr. Rodrigo Paes (Fiocruz) chamou atenção para o fato de que a esporotricose é a micose subcutânea mais frequente na América Latina. Apresentou também um breve histórico do aparecimento da doença e dos primeiros estudos sobre o assunto, instaurando o ano de 1998 como um marco para entender o status de “epidemia” que a doença possui no **Brasil**. O Dr. Rodrigo Paes ressaltou que, apesar de ocorrer em todos os continentes, a esporotricose no Brasil possui diversas especificidades, como por exemplo a forma de contágio: enquanto em outros países como China e Austrália a doença está relacionada a fatores ambientais, no Brasil a principal forma de contágio é por meio de gatos.

Na conclusão de sua palestra, o Dr. Rodrigo Paes frisou que a esporotricose é uma doença extremamente negligenciada e que o conhecimento que se tem sobre a mesma ainda é precário, principalmente levando-se em consideração o **volume** de casos relatados no país.



Mesa Diretora: Acad. Nardi (Secretário Geral), Acad. Francisco Sampaio (Presidente), Acad. Cláudio Ribeiro (1º. Secretário), Acad. Cardoso de Castro (2º. Secretário) e a Acad. Omar Lupi (Organizador do Simpósio)

Em seguida, o Dr. Dayvison Freitas (Fiocruz) proferiu palestra sobre “Esporotricose Zoonótica”, focando nos gatos como principais agentes transmissores. Classificou o estado da doença no **Rio de Janeiro** como hiperendêmico, considerando alarmantes os níveis de contaminação, tanto dos animais quanto dos humanos. Sobre a contaminação dos gatos, o Dr. Dayvison Freitas ressaltou que o principal obstáculo para a contenção da epidemia está relacionado ao destino que geralmente é dado aos animais infectados: muitas vezes, em vez de oferecer ao animal o tratamento

adequado, muitos donos optam pelo abandono ou ainda pelo sacrifício do animal, na maioria das vezes enterrando o animal, o que acaba por infectar o solo. Em suas considerações finais, o Dr. Dayvison Freitas frisou que os gatos não podem ser tomados como “vilões” nesta epidemia - os animais estão sob responsabilidade de seus donos e são, na verdade, vítimas deste processo.

O Dr. Sandro Pereira (Fiocruz) fez apresentação com o título “Tratamento do Animal, Prevenção e Controle”, para tratar do diagnóstico e das formas clínicas da esporotricose. Chamou atenção para o fato de que a doença se manifesta de maneira mais contundente em regiões com dificuldades socioeconômicas e que, dentro deste quadro, a transmissão por meio de gatos se dá por meio de arranhões, mordidas e contato com as lesões, além de estar muito associada aos hábitos do animal, que na maioria dos casos possui acesso irrestrito ao ambiente extradomiciliar. O Dr. Sandro Pereira demonstrou que, apesar de serem documentados inúmeros casos envolvendo esporotricose canina, a doença se manifesta de maneira mais grave em gatos.

O Dr. Antonio do Valle (Fiocruz) falou em seguida, abordando “Esporotricose Humana: Diagnóstico”, afirmando existirem diversos métodos de diagnóstico da esporotricose. A pele responde por 95% das manifestações de esporotricose; todavia, a doença pode se manifestar em outros órgãos. O Dr. Antonio do Valle alegou que é preciso estar atento aos casos de esporotricose na infância, uma vez que as crianças em geral possuem o costume de deixar o animal em contato constante com o rosto, o que pode desencadear manifestações de esporotricose ocular, por exemplo. A associação com o vírus HIV também foi apresentada como uma manifestação da esporotricose disseminada.

A Dra. Isabella Gremião (Fiocruz) apresentou palestra sobre “Tratamento da Esporotricose Felina”, afirmando que, apesar dos constantes esforços e estudos acerca do assunto, o tratamento para a esporotricose segue um desafio, principalmente em razão da limitação das opções terapêuticas, o alto custo do tratamento e a não adesão por parte dos proprietários dos animais. O abandono do tratamento foi apresentado como outro grave problema; ainda que todos os donos sejam orientados a seguir com o ciclo completo do tratamento, isso não ocorre na maior parte dos casos, podendo implicar na reincidência da doença. Após demonstrar as opções de tratamento, a Dra. Isabella Gremião concluiu a palestra afirmando que algumas medidas são essenciais para o controle da epidemia, como o incentivo à posse responsável, o tratamento dos gatos com possibilidade de tratamento terapêutico, isolamento dos gatos doentes, estímulo à castração e limitação do número de gatos por residência, dentre outros.

Na segunda parte do Simpósio, a Dra. Mariana da Cunha e Silva, da Secretaria Municipal de Saúde, falou sobre a “Situação Atual da Esporotricose no Município do Rio de Janeiro”. Afirmou que a esporotricose se caracteriza como um grave problema de saúde pública no município do Rio de Janeiro, apresentando os dados referentes às notificações de casos de esporotricose nas diferentes regiões do município. A distribuição de medicamentos na rede municipal foi abordada como uma das principais estratégias de controle da epidemia, aliada à conscientização dos donos - esta tida como a principal ferramenta de combate ao preocupante quadro da doença no município. Na conclusão de sua palestra, a Dra. Mariana da Cunha e Silva chamou atenção para a coordenação entre os mais diversos órgãos ligados à Prefeitura e ao Governo do Estado, afirmando que somente a articulação da esfera pública com a população pode resultar no controle da doença de maneira efetiva.

A Dra. Maria Cristina Mendes, do Centro de Controle de Zoonoses de São de Paulo, proferiu palestra sobre “As Ações de Controle no Município de São Paulo”, apresentando um histórico com os primeiros casos notificados no município. Informou que o padrão de notificações observado no município está associado às regiões que possuem dificuldades socioeconômicas, principalmente na Zona Leste da cidade. Após realizar um trabalho de notificação dos casos, foi realizada a distribuição dos medicamentos para tratamento dos animais doentes. Em suas considerações finais, a Dra. Maria Cristina Mendes ressaltou que o sucesso das ações do Centro de Controle de Zoonoses está associado à criação de um vínculo de confiança entre os proprietários de animais e os funcionários do Centro, o que facilitou a propagação das ações de controle, além de aumentar a rapidez com a qual novos casos são notificados e evitar a interrupção do tratamento.